

# “ENTRE TABULEIROS E CONFRARIAS” UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIORRELIGIOSAS DE MULHERES GANHADEIRAS NOS SETECENTOS DA VILA DA CACHOEIRA.

Glenda de Castro Spósito<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe uma primeira incursão no universo das mulheres ganhadeiras da Vila da Cachoeira no século XVIII. Embora tenhamos destinado um espaço específico para explorar a trajetória da ganhadeira Maria Pinto de Negreiros, os vestígios biográficos presentes em seu testamento nortearam todo o texto. A compreensão das características sócio-históricas do contexto em que esse grupo atuou é fundamental para elucidar o processo de surgimento desse coletivo econômico. Diante disso, nosso trabalho buscou historicizar a Vila da Cachoeira, desde o início de seu povoamento até o período em que as mulheres ganhadeiras emergem na documentação. Apresentar a figura de Maria Pinto de Negreiros não só desvenda a identidade dessas mulheres, mas também promove reflexões acerca das redes sociais que elas poderiam formar através de suas atividades. Nossa pesquisa não visa dar respostas conclusivas, mas sim dialogar com a literatura existente e os indícios biográficos no testamento de Maria, analisando como tais interações econômicas e religiosas poderiam favorecer a autonomia, rentabilidade e obtenção da liberdade para esse grupo.

**Palavras-chave:** ganhadeiras, comércio, religião, sociabilidade, economia.

## ABSTRACT

This article proposes an initial foray into the universe of women street vendors (*ganhadeiras*) in the XVIII century village of Cachoeira. While we have dedicated a specific section to explore the trajectory of the *ganhadeira* Maria Pinto de Negreiros, the biographical traces present in her will guided the entire text. Understanding the socio-historical characteristics of the context in which this group operated is crucial to elucidating the process of the emergence of this economic collective. In this way, our work aimed to historicise the village of Cachoeira from the beginning of its settlement to the period when the women *ganhadeiras* emerge in the documentation. Presenting the figure of Maria Pinto de Negreiros not only unveils the identity of these women but also promotes reflections on the social networks they might have formed through their activities. Our research doesn't seek to provide conclusive answers but rather to engage with existing literature and the biographical evidence in Maria's will, analysing how such economic and religious interactions might have favoured autonomy, profitability and the attainment of freedom for this group.

**Keywords:** *ganhadeiras*, commerce, religion, sociability, economy.

---

<sup>1</sup> Graduada no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestranda bolsista pelo Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Tem experiência na área de História do Brasil Colônia, atuando principalmente no estudo das trajetórias das mulheres negras escravizadas e livres nas atividades de ganho na vila da Cachoeira e sua relação com panorama econômico local. E-mail: [glensposito@gmail.com](mailto:glensposito@gmail.com).

## Introdução

A relação simbiótica que possuía Salvador com as *hinterlands* do recôncavo promoveu a consolidação de *status* da capital como a principal região portuária do comércio transatlântico ao passo que o cultivo das culturas de agroexportação fomentou o crescimento territorial rural e urbano do território que compreendia a vasta extensão de terra do recôncavo<sup>2</sup>. O recorte espacial desse trabalho remonta o cenário urbano comercial da vila da Cachoeira no alvorecer do século XVIII, com a crescente demanda internacional dos principais gêneros da matriz econômica, cultivados nos propícios solos do recôncavo, me refiro à cana-de-açúcar e o tabaco, respaldando o crescimento demográfico das principais vilas do recôncavo e o surgimento de uma pujante economia urbana.

O incremento comercial das culturas de plantagem provocou grandes transformações socioeconômicas e geográficas do território banhado pelo rio Paraguaçu. O crescimento demográfico e o florescimento do comércio foram importantes fatores para que o clã Adorno, com seu prestígio social projetasse o então arraial na estrutura administrativa do império português. A formação político-administrativa do território contribuiu para alavancar o processo de urbanização e organização das vias públicas, consequentemente, a vila da Cachoeira no final da primeira metade do século XVIII, se consolida como importante centro comercial<sup>3</sup>.

É neste cenário de consolidação econômica e da rotina urbana que as ganhadeiras se destacam como importantes agentes desse comércio interno, comercializando gêneros diversos com uma preponderância ao ramo alimentício. As ganhadeiras além de serem responsáveis pela alimentação da população que amotinavam o comércio da vila, também eram responsáveis pelo intercâmbio de mercadorias entre as freguesias e seus termos<sup>4</sup>. O ofício de ganho era um importante dispositivo de autonomia, fixação e resistência da maioria das mulheres negras escravizadas e forras.

---

<sup>2</sup> Mattoso, Katia M. de Queirós. *Bahia opulenta: uma capital portuguesa no Novo Mundo (1549-1763)*. Revista de História, São Paulo, n. 114, p. 5–20, 1983 Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62048>. Acesso em: 25 ago. 2024

<sup>3</sup> Moreira, Igor Roberto de Almeida. "E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, UNEB, Santo Antônio de Jesus, BA, 2021.

<sup>4</sup> Graham, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O despontar da escravidão urbana é consequência da necessidade da mão-de-obra para os distintos serviços, provenientes do grande trânsito de pessoas dos mais variados extratos sociais na vila da Cachoeira. Como preceito colonial, o projeto de extensão ao culto da fé constituía-se como um dos principais vetores sociais, as associações leigas têm um importante papel nessa sociedade, o de assegurar os direitos vitais de seus agremiados, como ajuda financeira e salvaguarda no pós vida. Os templos religiosos abriram espaço para as irmandades de diferentes grupos étnicos assim como as devoções.

A rede de suporte dessas associações beneficiaram mulheres ganhadeiras como o caso de Maria Pinto de Negreiros, mulher, viúva e irmã da Irmandade do Rosário dos Pretos, os vínculos às confrarias lhe possibilitavam assistência em vida e as resguardavam com enterro digno.

A proposta deste trabalho tem como objetivo refletir aspectos que corroboram com a importante presença das mulheres ambulantes cognominadas ganhadeiras, no epicentro comercial urbano da vila da Cachoeira na segunda metade do século XVIII. A análise do caso de Maria Pinto de Negreiros incita uma reflexão sobre o papel das redes de sociabilidade formadas por essas mulheres e até que ponto essa teia de interações econômicas e sociorreligiosas favorecia sua autonomia, lucratividade e aquisição de suas alforrias.

### **A matriz econômica da vila da Cachoeira nos setecentos baiano**

A historiografia sobre o Recôncavo da Bahia está intrinsecamente ligada aos aspectos gerais do desenvolvimento econômico brasileiro. Desde sua formação, ocupação e povoamento, o recôncavo da Bahia desempenhou um papel crucial na economia regional e nacional, principalmente pela relação simbiótica com a capital da Bahia. Integrada como *hinterland* do recôncavo, a vila da Cachoeira se destacou como um dos principais portos de escoamento do território, sua posição estratégica ligando o sertão à cidade da Bahia contribuiu para incrementar as atividades comerciais urbanas e já no final da primeira metade do século XVIII, a vila Cachoeira se consolida como importante reduto comercial.

As propícias características do solo para o cultivo da cana-de-açúcar, aliadas à importância do produto no mercado internacional, podem ser considerados aspectos

imprescindíveis para os investimentos dispendidos com a ereção de engenhos e fixação no citado território. Os aspectos elencados acima projetaram a recém-criada freguesia de Santiago do Iguape, como uma das primeiras zonas de importância do recôncavo<sup>5</sup>. Com o processo de adentramento do território colonizado, propiciou a formação de uma malha social que deu início na bacia do Iguape e foi estendendo-se pouco a pouco até o último ponto navegável do rio Paraguaçu, local que corresponderia à sede da Vila da Cachoeira<sup>6</sup>.

O incremento de um novo item na matriz econômica da região, referimo-nos ao tabaco, produto que foi adquirindo um alto valor no mercado internacional, contribuiu para o alargamento da zona habitada. Há relatos de lavradores se instalando em uma região conhecida como "Campos da Cachoeira" ainda no final da primeira metade do século XVII<sup>7</sup>.

Conforme o mapa abaixo, o desenvolvimento do açúcar se concentrou no norte do recôncavo, já o desenvolvimento do tabaco concentrou-se em solos mais arenosos e elevados de Cachoeira, sendo parte do território banhado pelo rio Paraguaçu, se tornando o centro da agricultura do fumo<sup>8</sup>.

---

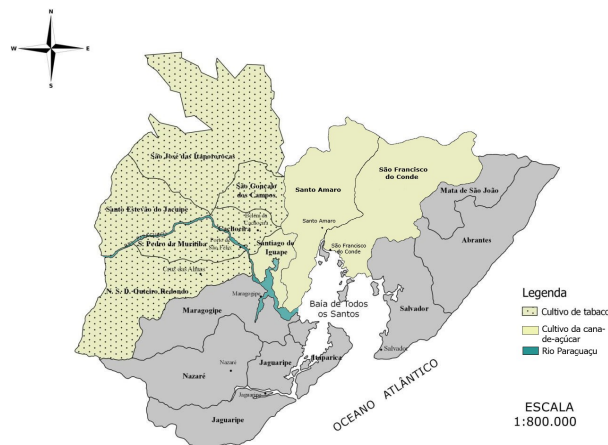
<sup>5</sup> Almeida Prado, J.F. *A Bahia e as capitâneas do centro do Brasil (1530 – 1626)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945; Vilhena, Luís dos Santos. *A Bahia no Século XVIII*, Volume II, Salvador: Itapuã, 1969.

<sup>6</sup> Santiago, Camila Fernanda Guimarães; Moreira, Igor Roberto de Almeida; Sant'Anna, Sabrina Mara. *As igrejas de Cachoeira: história, arquitetura e ornamentação*. 1. ed. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2020.

<sup>7</sup> ANTT - TSO-CG, Habilitações, Domingos, mç. 13, doc. 305, fôlios 83v. In: Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit.*

<sup>8</sup> Schwartz, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.83.

Mapa do Recôncavo da Bahia e as culturas de cultivo<sup>9</sup>.



Fonte: Adaptado de Barickman. (2003, p. 40) por Uriálisson Queiroz. Readaptado por: Glenda Spósito.

Após a ocupação portuguesa mediante o avanço sobre a população nativa residente nas duas margens do Paraguaçu, tem início o processo sistemático de ocupação e formação do que viria a ser um dos principais núcleos urbanos do recôncavo<sup>10</sup>, referimo-nos especificamente as respectivas freguesias da Cachoeira e da Muritiba (Porto de São Félix).

Deve-se ao clã Adorno o impulsionamento populacional ocorrido no arraial da Cachoeira entre o final da primeira metade e o início da segunda do século XVII. O prestígio social adquirido pela citada família, contribuiu diretamente para projetar o então arraial da Cachoeira na estrutura administrativa do Império português. Não por acaso, a freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira data do referido período sendo erigida em 18 de fevereiro de 1674, desmembrando-se da freguesia do Iguape<sup>11</sup>.

Percebe-se, portanto, que durante todo o século XVII, a economia da região esteve centrada nas culturas da cana-de-açúcar e do tabaco e, conseqüentemente, os escravizados

<sup>9</sup> Mapa adaptado a partir do mapa “Recôncavo da Bahia e a Cachoeira produtora de tabaco 1774 a 1830”. Silva, Ana Paula de Albuquerque. *Produção fumageira: fazendas e lavradores no recôncavo da Bahia (1774-1830)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015, p. 52.

<sup>10</sup> Neves, Juliana Brainer Barroso. *Colonização e resistência no Paraguaçu – Bahia 1530-1678*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008; Santiago, Camila Fernanda Guimarães; Moreira, Igor Roberto de Almeida; Sant’Anna, Sabrina Mara. As igrejas de Cachoeira: história, arquitetura e ornamentação...op.cit.; MOREIRA, Igor Roberto de Almeida. *“E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO”*: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit.

<sup>11</sup> Moreira, Igor Roberto de Almeida. *“E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO”*: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit., p.38-51.

que ali habitavam deveriam residir majoritariamente nos locais onde concentrava-se a produção de tais itens. É crível afirmar que as atividades econômicas urbanas voltadas ao comércio começam a despontar apenas após a criação da vila em 1698, observação constatada a partir do perfil da elite que financiou a construção da Casa de Câmara e Cadeia<sup>12</sup>.

A criação da vila e sua conseqüente formação político-administrativa contribuíram para alavancar o processo de urbanização e organização das vias públicas do local. Pode-se afirmar que já no alvorecer do século XVIII, a vila contava com algumas casas comerciais. O favorecimento da posição geográfica que liga o sertão à cidade da Bahia contribuiu para incrementar as atividades comerciais urbanas e já no final da primeira metade do século XVIII, Cachoeira se consolida como importante centro comercial.

A opulência do comércio local, situado nas duas margens do Paraguaçu, pode ser atestada pelos inventários *post-mortem* dos negociantes, cujos documentos descrevem variados gêneros produzidos na colônia e em outros reinos<sup>13</sup>; além da diversidade de atividades econômicas oferecidas na Praça da Cachoeira.<sup>14</sup> Todos esses fatores, aliado a condição de uma vila portuária, contribuíram significativamente para um mercado de rua que consideramos ser rentável.

Quando falamos de comércio de rua, as ganhadeiras estão intrínsecas nesse processo comercial. Em sua grande parte, as relações comerciais eram fomentadas pelo trabalho de ganho e é nesse espaço que as mulheres escravizadas e egressas do cativeiro ganham destaque nesse mercado de trabalho urbano. A partir da bibliografia consultada<sup>15</sup>, aliado às fontes primárias, classificamos enquanto ganhadeiras, mulheres que ofereciam as mais diversas modalidades de comércio ambulante, modalidades estas descritas como, vendedora de bolo de milho, quitandeira, canoeira etc<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> Santiago, Camila Fernanda Guimarães; Moreira, Igor Roberto de Almeida; Sant'Anna, Sabrina Mara. As igrejas de Cachoeira: história, arquitetura e ornamentação...op.cit, p.20.

<sup>13</sup> Podemos citar o inventário do comerciante reinol Manoel Lopes da Silva Couto, depositado no Arquivo Municipal de Cachoeira. APMC, caixa 12, doc. 103.

<sup>14</sup> Conferir tabela elaborada por Igor Moreira na sua dissertação de mestrado: Moreira, Igor Roberto de Almeida. "E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em História Regional e Local, UNEB, Santo Antônio de Jesus, BA, 2021

<sup>15</sup> Soares, Luís Carlos Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, 1988.

<sup>16</sup> Arquivo Municipal de Cachoeira. Termos de Fiança. Documentos avulsos não catalogados.

A dissertação de mestrado da historiadora Vilmaria Teixeira, cujo enfoque recaiu sobre as mulheres africanas forras na comarca do Rio das Mortes da capitania das Minas, analisou todos os enredos sociais em que foi constituída uma malha de atividades econômicas de rua, desenvolvidas, sobretudo pelas negras cativas e forras. A partir da análise macro social, a autora constatou que a existência e conseqüente ascensão econômica do grupo em estudo dependia diretamente da existência de um mercado local robusto e diversificado, pois, tais características contribuem para a formação de um “novo” público consumidor e conseqüente dinamismo socioeconômico a partir da inserção de grupos marginalizados nas atividades comerciais<sup>17</sup>, aspecto que coaduna com as pesquisas desenvolvidas para a vila da Cachoeira, as mulheres que exerciam tais atividades dependiam do vultoso comércio urbano, para acumularem pecúlio, se fixarem no território e conquistarem suas manumissões.

### **Transformações socioeconômicas: demografia urbana e o comércio ambulante**

A consolidação da vila da Cachoeira como um entreposto comercial ocorreu em meados do século XVIII, impulsionada por uma explosão demográfica e constantes fluxos de mercadorias. A posição estratégica da vila foi crucial para o incremento de um comércio multifacetado de atividades comerciais urbanas. Já no final da primeira metade do século XVIII, Cachoeira se firmou como um importante centro comercial. Essa afirmação é evidenciada pelos constantes fluxos de mercadorias e negociações entre os comerciantes de Salvador e os da vila, demonstrando a vitalidade econômica da região<sup>18</sup>.

Em decorrência da expansão do comércio de exportação fumageiro, na segunda metade do século XVIII, a vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira sofreu grandes transformações em sua estrutura econômica. Produzia e embarcava em seu porto o tabaco exportado para a Europa, especialmente Gibraltar, Lisboa, Porto, Marselha, Hamburgo e Liverpool e, principalmente, para costa da África, responsável primeira pela expansão da produção do vegetal no final do setecentos. O fumo foi a principal moeda do tráfico Atlântico durante cerca de cem anos; o chamado ciclo da costa da mina durou oficialmente até 1815,

---

<sup>17</sup>Teixeira, Vilmaria Lúcia Rodrigues. *Negras Senhoras: as mulheres africanas forras e sua inserção socioeconômica na comarca do Rio das Mortes (1750-1810)*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ – Rio de Janeiro, 2006.

<sup>18</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit., p.100-124.*

sofrendo a partir de então um deslocamento face a vigilância dos cruzeiros britânicos<sup>19</sup>.

A dissertação do historiador Igor Roberto de Almeida Moreira, apresenta um minucioso estudo revelando o aumento populacional através da contabilização da população e dos respectivos domicílios referente à vila da Cachoeira e seus termos, esse estudo ainda revelou que a ala urbana correspondente à sede da vila possuía características socioeconômicas que contrastavam com as demais freguesias, as quais eram especificamente rurais. A tabela a seguir demonstra justamente a organização populacional e domiciliar (fogos) da vila e seus termos.

Dados demográficos da vila da Cachoeira e dos seus Termos, dados do censo de 1775.

<b>Freguesias</b>	<b>Número de fogos</b>	<b>Número dos habitantes</b>	<b>Números aproximados de pessoas por fogo</b>
<b>Nossa Senhora do Rosário (sede da Vila)</b>	986	5814	5,9
<b>São Pedro da Muritiba</b>	562	4012	7,1
<b>São Thiago do Iguape</b>	337	3671	10,9
<b>Outeiro Redondo</b>	379	2947	7,9
<b>São Gonçalo dos Campos</b>	455	3625	8
<b>São José das Itaporocas</b>	312	5017	16
<b>Santana do Camisão</b>	91	540	6
<b>Santo Estevão do Jacuípe</b>	175	1354	7,9

Fonte: Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO"*: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit., p.51.

De acordo com Moreira, contabilizando os dados analisados isoladamente, a Vila da Cachoeira e seus termos possuíam 3.297 fogos (domicílios) e uma população geral de 26.980, destacando o contínuo processo de ocupação de residentes da área urbana, apresentando o aumento exponencial dos habitantes da localidade.

---

<sup>19</sup>Reginaldo. Lucilene. Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2005. 244p.

Dentro desse contexto, o grupo das mulheres ganhadeiras emerge ocupando os espaços urbanos da vila, com seus tabuleiros, gamelas e quitandas, muitas delas comercializando seus itens carregados na cabeça, já outras com suas quitandas fixas atuavam ativamente no fomento da economia da região para além do eixo econômico da agroexportação, as mulheres ambulantes também eram responsáveis pelo intercâmbio de mercadorias entre a vila e seus termos e entre as *hinterlands* do recôncavo.

A pioneira obra de Cecília Moreira Soares, intitulada “As Ganhadeiras: Mulher e Resistência Negra em Salvador no Século XIX”<sup>20</sup> desenvolve um estudo sobre a tríade gênero-raça-classe. A autora desenvolve uma profunda análise sobre as mulheres ambulantes na cidade de Salvador, destacando como a mulher negra ocupou espaços significativos no centro comercial urbano através do sistema de ganho. A obra também aborda questões do cotidiano das escravizadas do ganho, que precisavam pagar semanas ou jornais aos seus senhores. Além disso, explora como os fatores de idade, saúde e habilidades pessoais influenciavam a rentabilidade de seus investimentos pessoais.

O perfil social dessas mulheres majoritariamente africanas egressas do cativo revela a necessidade do estudo desse contexto para compreender as dinâmicas sociais e estratégias utilizadas por esse grupo para obter a alforria e ascender economicamente.

A dissertação de Igor Moreira também revela a amplitude e riqueza do comércio urbano da vila, no século XVIII, listando uma variada gama de funções exercidas pelos membros da Ordem Terceira do Carmo da referida vila, sujeitos que integravam em sua maioria as elites locais<sup>21</sup>. De forma pontual, o historiador cita o investimento de alguns indivíduos na escravidão urbana através do rendimento obtido dos jornais de seus escravizados, portanto, esse aspecto indica a rentabilidade e a relevância social para o grupo de mulheres ambulantes, das atividades classificadas como trabalho de ganho, atestando a importância dessa função comercial.

---

<sup>20</sup>Soares, Cecília Moreira. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX”. In: *Afro-Ásia*, Salvador, n. 17, (1966), p. 57-72.

<sup>21</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. “E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO”: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit...

Os trabalhos desenvolvidos para o período colonial, como o do Schwartz e Barickman<sup>22</sup>, demonstram a importância social e econômica de Salvador, e posteriormente, traçam um panorama do potencial portuário, demográfico e econômico do recôncavo, direcionando o olhar para a zona rural, na latente produção dos engenhos de cana-de-açúcar e tabaco que abasteciam Salvador, não contemplando aspectos ligados à economia urbana.

Os trabalhos historiográficos como o de Schawrtz e Barickman analisam as atividades econômicas desenvolvidas pelos escravizados, investigam quase que exclusivamente a inserção desse grupo nas culturas da cana-de-açúcar e do tabaco, não existindo nenhum trabalho que tenha se preocupado em propor um estudo sobre a relação com as atividades econômicas comerciais desenvolvidas nas áreas urbanas da Vila da Cachoeira até então.

A visão clássica da historiografia, pautada, sobretudo na obra de Caio Prado Jr., que reduziu o processo econômico no Brasil enquanto uma colônia de exploração, ou seja, na visão do autor, todo o processo comercial desenvolvido nas terras da América portuguesa seria pautado na predominância para atender o comércio internacional, desprezando a existência das demandas internas. Contrapondo a visão desse autor, João Fragoso demonstra através da análise dos dados da alfandega, o dinamismo comercial da colônia, evidenciando que esse comércio é mais múltiplo do que a historiografia clássica pontuou; Fragoso vai também vai evidenciar que a colônia possuía um mercado interno forte, mostrando, inclusive a existência de elites locais advindas do acúmulo de capital proporcionado pelas negociações e solicitações próprias das praças comerciais locais. Além disso, o processo da “reexportação” trabalhada minuciosamente por Fragoso/Florentino destacou justamente esse aspecto de um mercado interno consolidado e forte que equilibrava o déficit da balança comercial.<sup>23</sup>

O trabalho da historiadora Vilmara Teixeira dialoga com que foi explanado acima, na medida em que explicita que a visão clássica sobre as questões econômicas na colônia,

---

<sup>22</sup> Schwartz, Stuart. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Barickman, Bert. J. “Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>23</sup>Prado Júnior, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1961.; Fragoso, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

retardaram os estudos sobre a importância do comércio colonial, explicitando a ausência das mulheres ganhadeiras nos trabalhos historiográficos, pois, segundo a autora, o surgimento e manutenção de um comércio de rua forte e rentável estariam atrelados a existência e consolidação das praças comerciais que negociavam vultuosas quantias, além da inserção de um trânsito de pessoas, que favorecia diretamente aos negócios dos grupos citados acima.<sup>24</sup>

Ainda sobre a dissertação de Vilmara Teixeira intitulada “Negras Senhoras: As mulheres africanas forras e sua inserção socioeconômica na comarca do Rio das Mortes (1750-1810)”, percebemos que a autora possibilita uma análise minuciosa sobre a sociedade múltipla e complexa dos setecentos mineiro sob a ótica de mulheres africanas forras, explicitando de que maneira as atividades econômicas contribuíram para o surgimento de uma camada intermediária na qual destacavam-se as mulheres ganhadeiras, e como se tornaram importantes personagens deste cenário colonial. Valendo-se de alguns estudos de caso, Teixeira aponta algumas perspectivas metodológicas interessantes, aliando o estudo quantitativo ao qualitativo, permitindo comparações, ao mesmo tempo em que não invisibiliza as singularidades. Tal recurso metodológico nos ajudará na formulação das questões que conduzirão a análise das profissões dissonantes presentes no universo das ganhadeiras de Cachoeira.<sup>25</sup>

A partir da leitura da dissertação de Teixeira, também pode-se perceber sobre a carência de trabalhos que se debruçam sobre o cotidiano dessas mulheres escravizadas e forras para além do contexto escravista. Dentro desse sentido, a presente revisão de literatura pretende apresentar a ausência desses estudos para a região do recôncavo colonial, destacando, assim, a importância da pesquisa que está sendo realizada.

Aliado ao pensamento social e econômico constituído por mulheres ganhadeiras no centro urbano comercial das Minas, a obra de Luciano de Almeida Figueredo intitulado “O avesso da memória: Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII”, contribui diretamente para a nossa pesquisa enquanto análise direta de subsídios à historiografia que remonta as tramas comerciais e os ofícios de ganho delegados por

---

<sup>24</sup>Teixeira, Vilmara Lúcia Rodrigues. *Negras Senhoras: as mulheres africanas forras e sua inserção socioeconômica na comarca do Rio das Mortes (1750-1810)*... op.cit.

<sup>25</sup>Teixeira. Vilmara Lucia Rodrigues. op.cit.

mulheres escravizadas e egressas do cativo. A obra analisa detalhadamente características como, por exemplo, a experiência comercial das mulheres ambulantes denominadas “negras de tabuleiro” no cotidiano das atividades comerciais no centro da dita capitania e o destacado papel feminino na atividade comercial ligada à alimentação. As mulheres ambulantes além de garantir os víveres para a população local, também eram responsáveis pelo intercâmbio de alimentos entre os arraiais mineiros, ao passo que também eram perseguidas pelos oficiais por infrações e desordens, o fato de ter livre acesso e certa autonomia no centro urbano e suas *hinterlands*, frequentemente eram acusadas por contrabando, desvio do fisco e prostituição. Mesmo com as frequentes perseguições, as ganhadeiras eram importantes agentes para o sistema colonial funcionar.<sup>26</sup>

Articulando com a pesquisa de Luciano Figueredo, Sheila Faria em artigo intitulado “Mulheres forras - riqueza e estigma social” detalha o cotidiano dos egressos do cativo, e as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, sobretudo na conjuntura econômica urbana. Faria propõe uma reflexão importante, visando desmistificar uma premissa historiográfica que atrelava o destino dessas mulheres forras a pobreza. Através da utilização de contratos de casamentos registrados nos tabeliães, a historiadora acompanha o percurso de algumas africanas forras que buscaram assegurar os seus bens de possíveis embaraços com aqueles que seriam seus futuros esposos; a documentação revela em detalhe os bens adquiridos e sua localização geográfica, além de ressaltar que foram amealhados a partir “da sua indústria”, ou seja, através do labor do seu trabalho. Um aspecto que impressiona refere-se ao fato de que a quase totalidade dos contratos analisados buscavam proteger o patrimônio dessas mulheres, não fazendo menção aos prováveis bens dos futuros maridos.<sup>27</sup>

Outro aspecto relevante para o nosso trabalho refere-se à análise socioeconômica que explicaria a proeminência desse grupo nas atividades comerciais urbanas. O detalhamento da legislação que controlava esse comércio no reino e o modo com que a “instituição” escravidão altera esse contexto na colônia é imprescindível para que

---

<sup>26</sup>Figueredo, Luciano. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, Edunb, 1993.

<sup>27</sup>Faria, Sheila de Castro. “Mulheres forras: riqueza e estigma social”. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v.5, n° 9, jul. 2000.

possamos compreender de forma mais assertiva todos os meandros sociais que gravitavam no entorno dessas atividades. Percebe-se que o controle ambulante do varejo por esse grupo de escravizadas e forras seria uma das consequências da mentalidade do antigo regime nos trópicos, cujo principal vetor seria a diferenciação em relação aos demais numa perspectiva hierárquica. Portanto, se no reino essas atividades estariam asseguradas as mulheres brancas pobres como meio de sustento, na colônia foi terceirizada aos africanos e seus descendentes.

A autora também aponta para a alta rentabilidade dos chamados escravos de ganho, muitos senhores e senhoras conseguiram sustentar toda a sua família a partir da inserção de um ou mais escravizados nas atividades urbanas. Dentro desse parâmetro, cruzamos essas informações com os dados apresentados por Igor Moreira, na sua dissertação de mestrado, que arrolou um grupo de comerciantes da Vila da Cachoeira que também obtinham dividendos através da incorporação de alguns dos escravizados nessas atividades.<sup>28</sup>

A obra pioneira do historiador brasileiro Richard Graham, denominada “Alimentar a Cidade - Das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 -1860)<sup>29</sup>” propõe investigar a partir do potencial da cidade de Salvador no século XVIII, como se constituiu uma complexa malha social através das engrenagens econômicas das relações comerciais. Seu objetivo é delinear um contexto socioeconômico pelos principais atores que compõem este cenário, os ambulantes, homens e mulheres que assumiam um papel de grande importância no desenvolvimento da máquina econômica da principal cidade do Atlântico Sul. A escolha de estudar as tessituras da estratificação social com enfoque no comércio de gênero alimentício e seus atores, alinha-se à nossa pesquisa no sentido de reconstruir as redes de interações e as estratégias de mulheres ganhadeiras africanas egressas do cativeiro, na busca pela autonomia e ascensão, destacando-se na história socioeconômica do comércio ambulante urbano. Toda essa conjuntura nos possibilita

---

<sup>28</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. *“E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO”*: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit. p.100-118.

<sup>29</sup>Graham, Richard. *Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780 - 1860)*... op.cit..

compreender de forma mais significativa a importância social do grupo de mulheres ganhadeiras que será devidamente estudada no período do mestrado.

O livro intitulado “Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia<sup>30</sup>”, de autoria de João José Reis, é uma obra de grande relevância para quem busca compreender a realidade social dos trabalhadores que orbitavam nas zonas comerciais dos grandes centros urbanos. Embora o autor se proponha a entender o que foi o primeiro movimento grevista envolvendo setores marginalizados da sociedade, é possível imergir no cenário socioeconômico da sociedade baiana oitocentista.

Embora os aspectos sociais referentes à inserção dos africanos libertos na sociedade do século XIX difiram da realidade histórica que estamos analisando, isso não impede que possamos ressaltar a contribuição da referida obra para refletirmos sobre o nosso objeto, sobretudo quando pensamos no lado formal e burocrático quem envolvia o controle desses Trabalhadores por parte do senado da câmara. Ademais, a construção metodológica se aproxima da nossa perspectiva no modo de identificar quem eram esses trabalhadores livres e escravizados. Outro ponto que vale a pena ser mencionado refere-se à construção do perfil desses indivíduos e o modo como estes exerciam a função do ganho, que para o autor remete a uma herança africana, refletida, sobretudo, na jornada e no ritmo do trabalho.

Em artigo denominado “Ganhadeiras: Trabalho feminino nas ruas do Recife setecentista”, a pesquisadora Suely Cordeiro de Almeida constrói uma perspectiva que se assemelha à nossa pesquisa no âmbito do protagonismo feminino e das ações de mulheres forras e escravizadas na ala comercial do centro urbano da cidade de Recife. O trabalho da autora perpassa pelas ações desenvolvidas por mulheres ganhadeiras no trabalho de ganho, revelando vínculos com irmandades religiosas e baseando suas redes de interações com os mais diversos extratos sociais da sociedade Pernambucana. Vale salientar, que a autora se preocupa em descrever o sucesso dessas mulheres ganhadeiras a partir da profissão legalizada do ganho, buscando amealhar alforrias, estabelecendo a manutenção do abastecimento das cidades, e, sobretudo, garantindo as suas sobrevivências.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup>Reis, João José. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Cia das Letras, 2019, 451p.

<sup>31</sup>Almeida, Suely Creusa Cordeiro de. Ganhadeiras: trabalho feminino nas ruas do Recife Setecentista. *Revista da ABPN*, v. 12, n. Ed. Especial, agosto de 2020, p. 52-70.

Na perspectiva das especificidades da escravidão urbana, a pesquisa da historiadora Liana Maria Reis intitulada, “Mulheres de ouro. As negras de tabuleiro em Minas Gerais” dedica-se ao estudo do fenômeno urbano das Minas Gerais através da análise de mulheres escravizadas e forras no ofício do ganho. Sua análise se alinha à nossa pesquisa, pois, assim como na Vila da Cachoeira, a crescente dinâmica urbana mineira fomentava o sistema econômico e escravista constituindo uma malha social multicultural. Em sua pesquisa, a autora enfatiza a carência de estudos específicos sobre o meio urbano e as mulheres (forras e escravizadas). Ademais, quando são referenciadas pela historiografia mineira, geralmente são classificadas pelas tendências de três grupos: o primeiro grupo é dos autores que preterem o estudo da mulher forra e escravizada como um todo, o segundo grupo são dos autores que levam os estudos da mulher para o campo sexual e de submissão à figura masculina, como, por exemplo, o concubinato e mancebia e por questões relacionadas à prostituição que são percepções difundidas a partir de uma ótica de dominação masculina e, por fim, o terceiro grupo constituído por autores que revelam o protagonismo feminino além da objetificação sexual, as evidencia pelas suas diversas atividades e ofícios. Roceiras, parteiras, quitandeiras e até como agentes importantes nos movimentos de resistência e como principais personagens da economia mineradora no campo do abastecimento.<sup>32</sup>

A historiadora Sheila de Castro Faria desenvolveu importantes estudos que nos ajudam a compreender a complexidade das tramas que formam o emaranhado complexo da sociedade no período colonial. Inicialmente, destacamos a grande contribuição da obra “A Colônia em Movimento”, cujo objetivo principal seria compreender a instituição família enquanto alicerce daquele modelo de sociedade, pois, poderia conferir estabilidade e uma possível ascensão social. Buscamos analisar alguns aspectos específicos que poderão nos ajudar a compreender a formação de redes de apoio mutuo a partir dos laços comunitários forjados nos locais de moradia do nosso grupo. Faria

---

<sup>32</sup>Reis, Liana Maria. *Mulheres de ouro. As negras de tabuleiro em Minas Gerais do século XVIII*. Revista do Departamento de História. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, v. 8, 1989.

percebeu que a possibilidade de matrimônio para população forra seria proporcional à constituição de laços a partir das relações tecidas nas vizinhanças<sup>33</sup>.

Dentro desse aspecto, relacionamos com a tese de doutorado de Tânia Santana<sup>34</sup> que utilizou um conjunto de testamentos e inventários *post mortem* para compreender a forma que a "pedagogia da caridade" incidia na partilha e distribuição dos bens. O estudo de Santana converge com de Sheila Faria ao ressaltar a importância dos laços de amizade e sua implicação social, econômica e familiar, ponto fulcral para tentarmos compreender o processo de articulação social das mulheres ganhadeiras de Cachoeira.

Pensando no processo das interações socioreligiosas e consequente formação de redes, inserem-se os trabalhos dos historiadores Daniel Precioso<sup>35</sup> e Igor Moreira<sup>36</sup>, que se debruçaram sobre o perfil e a sociabilidade dos membros de associações leigas na América portuguesa. Ambos os autores seguiram uma linha metodológica muito próxima com a que foi adotada neste trabalho, ao elegerem o nome como fio condutor da pesquisa, e pensar na vasta trama das redes tecidas nos espaços confrariais e a sua relação com outras instâncias sociais locais, tal como pretendemos fazer ao interligar as funções sócio religiosas da confraria do Rosário dos pretos da Vila da Cachoeira ao cotidiano econômico das mulheres ganhadeiras da citada vila.

Para além desses aspectos, muito nos interessa alguns detalhes específicos apresentados na dissertação de Igor Moreira, intitulada "E por tais Terceiros na Ordem do Carmo.", ao abordar sobre a criação de redes horizontais e verticais no espaço associativo leigo e suas prováveis consequências vantajosas para os grupos menos favorecidos economicamente. Coincidentemente, o autor cita o caso da irmandade do Amparo dos homens pardos da Vila da Cachoeira que se valeu do ingresso de um membro da elite local para enfim conseguir dar o primeiro passo para efetiva construção da sua capela própria.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup>Faria, Sheila de Castro. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>34</sup>Santana, Tânia Maria Pinto de. *Charitas et misericórdia: as doações testamentárias em Cachoeira no século XVIII*. Salvador/BA. Tese de Doutorado, UFBA, 2016.

<sup>35</sup>Precioso, Daniel. *Terceiros de cor: pardos e crioulos em ordens terceiras e arquiconfrarias (Minas Gerais, 1760-1808)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014.

<sup>36</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit.*

<sup>37</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO": os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit.* p.145-168.

### **Vínculos econômicos devocionais: o caso da ganhadeira Maria Pinto de Negreiros**

Maria Pinto de Negreiros foi uma ganhadeira, assim como as 89 mulheres identificadas em nossa pesquisa de mestrado em desenvolvimento, todas residentes na vila da Cachoeira. Negreiros constituiu sua trajetória de autonomia nas entrevistas do trabalho do ganho, tais informações foram extraídas de seu testamento.

Embora as fontes sobre mulheres que exerciam a atividade do ganho no século XVIII sejam escassas, isso não inviabilizou o trabalho com os fragmentos documentais disponíveis. O caso de Maria é um dos mais relevantes entre os poucos vestígios biográficos encontrados, revelando a natureza rentável do ganho e, especialmente, as redes de interação que essas mulheres negras mantinham com diversos segmentos da sociedade da época.

O comércio na vila de Cachoeira, além de promover a circulação de produtos entre merceeiros e ganhadeiras, também facilitava a formação de alianças econômicas e religiosas entre indivíduos de diferentes classes sociais. Essas conexões, que transcendiam as relações interpessoais, formavam um vetor econômico fundamental, ancorado em redes de interesse mútuo. A partir dessas interações, o vetor religioso se consolidava, à medida que os vínculos estabelecidos no comércio se fortaleciam no contexto das irmandades e confrarias, onde as relações sociais se expandiam e adquiriam novos significados no espaço religioso.

Os espaços das associações leigas na qual as mulheres ganhadeiras estavam vinculadas, embora fossem instituídos por pessoas negras, o seu quadro social era formado por grupos heterogêneos, seja do ponto de vista étnico e econômico. Com a inserção nesses ambientes seria possível alicerçar ou até mesmo se tornar membro de algum grupo econômico atuante na vila. Bem como, possibilitava a formação de vínculos espirituais, como por exemplo; o apadrinhamento e o casamento.

A dissertação de Moreira reforça a tese de que algumas associações religiosas reuniam membros de diferentes grupos étnicos e sociais, aprofundando a análise sobre a convivência entre escravizados e seus senhores em uma mesma confraria. Um exemplo emblemático é o de Manuel Pereira de Azevedo, homem branco e membro da influente Venerável Ordem Terceira do Carmo, que também fazia parte da Irmandade do Rosário

dos Pretos ao lado de seu escravizado, Francisco. Ambos eram confrades na mesma associação, evidenciando as complexas dinâmicas de interação social que se manifestavam nos espaços religiosos daquela época<sup>38</sup>.

O testamento da ganhadeira Maria Pinto de Negreiros<sup>39</sup> oferece valiosos fragmentos de sua trajetória e das suas relações sociais. Maria casou-se segundo os cânones da Igreja com José Mendes de Bastos, ficando viúva e sem deixar descendentes. Proprietária de escravizados, Maria declarou que possuía dois cativos: um barbeiro, descrito apenas como um "preto do gentio da mina", cujo nome não foi registrado, e outro escravizado chamado Antônio, a quem ela deixou coartado pelo valor de 88\$000, concedendo-lhe um prazo de quatro anos para adquirir sua liberdade através do trabalho de ganho. O documento também revela a sua filiação à Irmandade do Rosário dos Pretos, a mesma confraria que contava com a presença de Manuel Pereira de Azevedo, mencionado anteriormente.

No período em que Maria Pinto elaborou seu testamento, na segunda metade do século XVIII, a vila da Cachoeira contava com três irmandades de pretos e pardos oficialmente instituídas. A mais antiga, a Irmandade de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos, foi fundada no final do século XVII<sup>40</sup>. Seguida da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e a Irmandade do Bom Jesus dos Martírios, erguida no convento de Nossa Senhora do Carmo em 1765, com membros majoritariamente africanos da nação jeje, completavam esse cenário religioso e social, reforçando as redes de apoio e solidariedade entre essas comunidades.

A Irmandade do Rosário dos Pretos foi formalmente instituída em 1727, surgindo a partir de um culto promovido por negros escravizados. A devoção dos africanos e afrodescendentes à Nossa Senhora do Rosário pode ser interpretada como uma expressão simbólica de libertação do cativo, uma vez que a Virgem estava associada à esperança de liberdade. Essa relação é, em parte, explicada pela narrativa da Batalha de Lepanto

---

<sup>38</sup>Moreira, Igor Roberto de Almeida. *"E POR TAIS TERCEIROS NA ORDEM DO CARMO"*: os Dignitários Irmãos da Ordem Terceira do Carmo da Vila da Cachoeira, 1691-1773...op.cit. p.157-158.

<sup>39</sup>APEB, Judiciário, Livro de registro de testamentos de Cachoeira, nº 2. Maria Pinto de Negreiros.

<sup>40</sup>A possível justificativa dessa separação étnica das associações religiosas, segundo Lucilene Reginaldo, tem uma função em particular de ascensão social para aquele determinado grupo, uma segunda justificativa também seria pela rivalidade entre os grupos étnicos, apesar da possibilidade de recusar a entrada de pessoas de uma agremiação estivessem reservadas apenas aos brancos, grupos étnicos como africanos e crioulos optavam por se separar a fim de evitar desentendimentos entre eles. Reginaldo. Lucilene. O Rosário dos Angolas. op.cit.p.97.

(1571), na qual a vitória das forças cristãs sobre o Império Otomano, que resultou na libertação de centenas de cativos cristãos. Esse episódio reforçou a ideia de que o culto à Nossa Senhora do Rosário estava diretamente ligado à libertação e proteção, algo que ressoava profundamente entre os escravizados<sup>41</sup>.

Embora não haja declaração explícita, é plausível que Maria tenha sido uma das mulheres egressas do cativeiro que residiam em Cachoeira. Ela conseguiu acumular recursos que não apenas a tornaram senhora de escravizados, mas também lhe permitiram possuir bens de valor significativo. Seu testamento revela a posse de chapas, um par de argolas de ouro e três pedras preciosas, que estavam empenhados junto ao tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos por 4\$000. Essa informação sugere que Maria pode ter recorrido à confraria em um momento de dificuldade financeira, destacando a importância das associações religiosas como redes de apoio social e econômico para seus membros.

Embora não tenhamos encontrado o Compromisso do Rosário dos Pretos de Cachoeira, é possível refletir sobre o papel assistencial dessas instituições para as populações negras e mestiças da vila ao examinarmos o capítulo XI do Compromisso dos Martírios, datado de 1765. Nesse documento, são apresentados importantes aspectos sociais de apoio aos irmãos, incluindo a assistência financeira em casos de doença e extrema pobreza, a possibilidade de empréstimos a juros, e o auxílio financeiro para a compra de manumissões de irmãos escravizados. Esses benefícios evidenciam a função das confrarias como redes de suporte social e econômico para seus membros.

(...) se recolherá o tal dinheiro em um cofre que para isso haverá com três chaves, uma das quais terá o irmão presidente, outra o escrivão e a última o tesoureiro; e só com assistência de todos três e por seus votos se tirará dinheiro, abrindo-se o tal cofre para alguma despesa muito necessária, como é a dos sufrágios dos irmãos defuntos, que por nenhum caso se retardarão; socorrer aos irmãos vivos que forem enfermos ou caírem pobreza que a irmandade deva socorrer; e havendo o dinheiro que esse possa dar a juros a quem eu quiser tomar, dando bens livres e desembargados sem dolo ou malícia com hipoteca especial deles e com cláusula de não alienar, fazendo escritura pública com juros na forma da lei do reino e com fiadores aos juros que vencer a sorte principal, e que sejam estes abonados, fazendo primeiro petição a mesa e depois de informada da segurança da dívida e desembaraços dos bens

---

<sup>41</sup>Moreira, Igor Roberto. de Almeida. op.cit. p. 157.

da hipoteca na sobredita forma e abonação dos fiadores, se mandar a dar a quantia pedida com beneplácito dos irmãos da mesa, que para isso se convocaram pelo irmão procurador, que terá essa obrigação e de outra sorte se não dará dinheiro algum da irmandade; e os que obrarem o contrário ficarão obrigados a ressarcir a irmandade outra tanta quantia pelo seus bens, e nesta forma sempre preferiram todos os irmãos desta irmandade que sendo cativos carecem de dinheiro para sua liberdade<sup>42</sup>.

O vínculo de Maria Negreiros com a agremiação dos Rosário dos Pretos demonstra como as irmandades religiosas foram fundamentais na manutenção e expansão do culto católico no período colonial, multiplicaram-se rapidamente com o incentivo da Coroa e pelas autoridades local e eclesiástica. Esse estímulo se deu por algumas razões: a primeira seria pela ereção de novas igrejas aproximando a vivência católica dos fiéis que residiam em áreas mais distantes e pelo alto nível de assistência social oferecida pelas irmandades aos seus agremiados, tal como, ajuda financeira, hospitalização e enterro decente<sup>43</sup>.

Encontramos no testamento de Maria Negreiros evidências materiais da importância da agremiação em sua manutenção durante os seus últimos anos de vida, seja através do auxílio espiritual, bem como, do empréstimo de quantia utilizada para seu sustento. Em outro fragmento de seu testamento a mesma se encarrega de deixar como herdeiras as almas do purgatório, pelos remanescentes dos bens.

O eixo da pesquisa, ao reconstituir pequenas pegadas biográficas, revela as relações e redes formadas entre grupos heterogêneos da sociedade cachoeirana. Nesse contexto, o espaço confrarial emerge como um dispositivo que forja alianças, promove apoio financeiro e estabelece uma rede de auxílio mútuo. Um exemplo dessa dinâmica é encontrado em um fragmento do testamento de Maria Pinto de Negreiros, onde ela declara estar justa e satisfeita com as contas de sua comadre Antônia Alves, a qual suspeitamos ser também uma mulher ganhadeira. Esse testemunho evidencia a interconexão entre as ganhadeiras e o suporte recíproco que caracterizava suas relações. Esses dados reforçam a importância dos testamentos como fonte para compreender aspectos de sua vida pessoal, bem como suas conexões dentro da comunidade e o papel que desempenhava tanto no âmbito social quanto religioso.

---

<sup>42</sup> Arquivo Histórico Ultramarino, Códice, nº 1666. cap.XI.

<sup>43</sup> Reginaldo. Lucilene. Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista...op.cit. 244p.

A interligação entre mulheres que atuavam no ganho e as instituições confrariais sugere que esses espaços não apenas promoviam a prática religiosa, mas também poderiam funcionar como agentes de auxílio econômico e social. Embora nem todas as ganhadeiras estivessem vinculadas a uma organização religiosa específica, o suporte oferecido pelas confrarias, como, por exemplo, os empréstimos para a manumissão de escravizadas, representava um passo crucial na trajetória de autonomia desse grupo. Essa dinâmica evidencia a relevância das confrarias na construção de redes de solidariedade e apoio que possibilitavam o fortalecimento das mulheres ganhadeiras dentro da sociedade cachoeirana.

### **Considerações finais.**

A visão clássica da historiografia econômica colonial frequentemente subestimou a importância das demandas internas, focando principalmente no comércio de exportação. Esse enfoque retardou a exploração de nuances essenciais da escravidão urbana, negligenciando trajetórias de sujeitos como as mulheres ganhadeiras. Essas trabalhadoras ambulantes, no entanto, desempenhavam papéis econômicos e sociais cruciais nas cidades coloniais. Estudos recentes evidenciam como o comércio de rua estava diretamente ligado à consolidação das praças comerciais, que movimentavam grandes quantias e promoviam o fluxo de pessoas, fortalecendo o pequeno comércio de víveres conduzido por ganhadores.

A vila da Cachoeira destacou-se como uma importante praça comercial a partir do século XVIII, consolidando-se como um relevante centro econômico. Além de abrigar o cultivo de tabaco, produto de grande valor no mercado internacional, a vila beneficiava-se de sua posição geográfica estratégica, servindo como um dos principais portos de escoamento de diversos gêneros. Esse cenário impulsionava tanto o comércio local quanto as exportações, fortalecendo a economia regional e ampliando sua influência no contexto colonial.

Em grande parte, as relações comerciais eram constituídas pelo trabalho de ganho, através desse espaço que as mulheres escravizadas e egressas do cativeiro ganham destaque, principalmente nessa categoria de comércio ambulante. Eram as ganhadeiras que dominavam o comércio de alimentos, eram elas também as responsáveis pelo

intercâmbio e abastecimento de alimentos e outros itens entre as *hinterlands* do recôncavo como vimos no decorrer do artigo.

Por muito tempo, a historiografia condicionou a história das mulheres a categorias de subalternidade e inferioridade em relação aos homens, frequentemente vinculando-as a espaços considerados hostis, como a marginalidade e a prostituição. No entanto, trabalhos como os de Cecília Soares, Sueli Cordeiro, Sheila Faria, Vilmara Teixeira, e o presente estudo, rompem com esse estigma historiográfico. Esses estudos buscam iluminar discussões específicas sobre o protagonismo feminino nas relações de poder, nas tramas comerciais, nas relações matrimoniais e devocionais, destacando as mulheres como agentes ativas de suas próprias histórias e fundamentais na dinâmica social e econômica do período.

Ao constituir as teias relacionais, é possível identificar na documentação mulheres como a ganhadeira Maria Pinto de Negreiros, comprando, vendendo, emprestando, comprando alforrias e acumulando bens, filiando-se em associações leigas, podemos identificar também o trânsito não apenas exercendo trabalhos essenciais à colônia. Entendendo tais trajetórias é possível compreender como atuavam no âmbito comercial e as suas movimentações em busca de autonomia.

Ao examinar as teias relacionais presentes na documentação, encontramos exemplos de mulheres como Maria Pinto de Negreiros, uma ganhadeira que comprava, vendia, emprestava, adquiria alforrias e acumulava bens, além de se filiar a associações leigas. Seu trânsito pelo comércio colonial revela não apenas a prestação de serviços essenciais à colônia, mas também sua habilidade em utilizar essas interações econômicas para conquistar maior autonomia. Esse resultado parcial de uma investigação em curso, permiti-nos compreender o papel dessas mulheres no comércio e suas estratégias para alcançar independência financeira e social.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA PRADO, J. F. A Bahia e as capitanias do centro do Brasil (1530–1626). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- VILHENA, Luís dos Santos. A Bahia no século XVIII. v. 2. Salvador: Itapuã, 1969.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. Ganhadeiras: trabalho feminino nas ruas do Recife setecentista. *Revista da ABPN*, v. 12, n. esp., p. 52-70, ago. 2020.
- BARICKMAN, Bert J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780–1860. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FARIA, Sheila de Castro. Mulheres forras: riqueza e estigma social. *Tempo*, v. 5, n. 9, jul. 2000.
- GRAHAM, Richard. Alimentar a cidade: das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780–1860). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia opulenta: uma capital portuguesa no Novo Mundo (1549–1763). *Revista de História*, São Paulo, n. 114, p. 5-20, 1983. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62048>
- MOREIRA, Igor Roberto de Almeida. “E por tais terceiros na Ordem do Carmo”: os dignitários irmãos da Ordem Terceira do Carmo da vila da Cachoeira, 1691–1773. 2021. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) — Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Santo Antônio de Jesus, 2021.
- NEVES, Juliana Brainer Barroso. Colonização e resistência no Paraguaçu – Bahia, 1530–1678. 2008. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- PRECIOSO, Daniel. Terceiros de cor: pardos e crioulos em ordens terceiras e arquiconfrarias (Minas Gerais, 1760–1808). 2014. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.
- REGINALDO, Lucilene. Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. 2005. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.
- REIS, João José. Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTANA, Tânia Maria Pinto de. Charitas et misericórdia: as doações testamentárias em Cachoeira no século XVIII. 2016. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães; MOREIRA, Igor Roberto de Almeida; SANT’ANNA, Sabrina Mara. As igrejas de Cachoeira: história, arquitetura e ornamentação. 1. ed. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2020.
- SCHWARTZ, Stuart B. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Ana Paula de Albuquerque. *Produção fumageira: fazendas e lavradores no Recôncavo da Bahia (1774–1830)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SOARES, Cecília Moreira. *As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX*. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 17, p. 57-72, 1966.

SOARES, Luís Carlos. *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 16, 1988.

TEIXEIRA, Vilmara Lúcia Rodrigues. *Negras senhoras: as mulheres africanas forras e sua inserção socioeconômica na comarca do Rio das Mortes (1750–1810)*. 2006. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.